

Memórias



Colégio Educacional
ABC/Anglo

Somos constituídos pelas lembranças,
pelas vivências...

Livro: Memórias

Coordenadora pedagógica responsável: Patrícia Brasileiro

Professoras organizadoras/responsáveis: Angélica Pereira e Renilda Resende

Alunos envolvidos: Turmas de 9º ANO – 2021

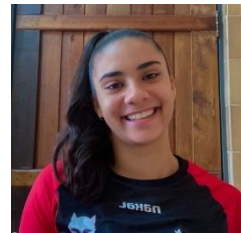
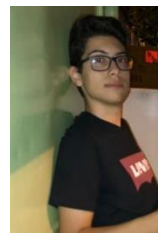
Capa: Mariana Rabelo

Colégio Educacional ABC/Anglo

Agradecimentos

Aluna: Sofia Leão

Nessa etapa que se encerra, só temos a agradecer. Em meio a um ano e contexto tão complexos, pudemos continuar nosso aprendizado, aproveitar momentos maravilhosos ao lado de quem amamos e desfrutar de tudo aquilo que o Colégio nos proporcionou. Somos extremamente gratos, primeiramente a Deus, mas também aos nossos pais, aos professores responsáveis pelo projeto e a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para nosso crescimento. Este singelo agradecimento serve para coroar a fase que termina e inspirar novos ares, para que aproveitemos ao máximo o que nos espera! Todas as sensações vividas, amizades feitas e emoções sentidas, valeram a pena. Após um período tão incerto, temos a plena certeza de que as memórias construídas no Colégio jamais serão esquecidas! Que nossos caminhos se cruzem e continuemos essa linda história, onde quer que estejamos, que permaneçamos juntos. Numa tentativa de eternizar a saudade dos momentos que jamais retornarão, mas que, de alguma forma, ficaram marcados em nossos corações, produzimos esta obra, para que ao sentirmos saudade, possamos nos recordar dos pequenos momentos que tornaram nossa trajetória mais feliz.



Aluna: Ana Clara

Vida, uma caixinha de surpresas

Tudo estava tão calmo...

A brisa soprava sem pressa de ir embora,
mas o mundo lá fora sequer entendia
a importância que uma simples brisa fazia.

Num piscar de olhos a brisa sumiu e, brandamente,
deu lugar ao COVID, que jamais tinham visto.
O mundo inteiro, então, começou a perceber
o quão valiosas a brisa e a calma poderiam ser.

A liberdade agora, enfim, fazia sentido.
A saudade e os encontros... só atrás de uma tela.
Cada um em sua casa, sentindo a dor das perdas.
Todavia, o canto dos pássaros trazia esperança de uma vida bela.

A dor e o sofrimento do planeta eram grandes...
Hospitais presenciaram um choro avassalador.
Ele, o temível vírus, nos fez dar valor a cada momento,
o vírus do Covid encheu o mundo de lágrima e temor.

A única lição que nos restou aprender foi:
valorizar cada segundo, como uma missão nos dada.
A vida é uma caixinha de surpresas
e dela não se leva nada.

Vamos nos lembrar daquela brisa calma,
pois um dia ela voltará a soprar.
Enquanto isso, devemos nos cuidar
e acreditar que um dia tudo vai passar.



Aluna: Ana Clara

Relatos de uma viagem inesquecível

Patrocínio, 20 de maio de 2021

Querido diário,

Hoje eu estava recordando daquela viagem inesquecível para Porto Seguro, Bahia. Foi uma das minhas melhores viagens, com momentos tão especiais e amizades incríveis.

Eu me diverti muito, nadei, corri e provei uma comida diferente, chamada bobó de camarão, que era muito saborosa e bem temperada.

Eu me lembro, como se fosse nesse momento, da brisa do ar batendo nos meus cabelos cacheados, do barulho do mar, dos meus cabelos molhados e soltos ao vento, sentindo a paz e a harmonia daquele lugar mágico. Nossa... que saudade! E a praia então...

Lá na praia, era como se eu me sentisse livre, porque pude ser eu mesma, pude sentir quem eu era de verdade: uma garota alegre, doce, meiga, criativa e claro, louca por uma praia e por todas as sensações que ela me proporcionava! Tomar banho de mar era como lavar a alma, descarregar o corpo e limpar qualquer impureza que eu pudesse carregar.

Regadas de água e sal, foram muitas as amizades que eu fiz. Com o tempo, perdemos o contato (que pena!). Eram pessoas bem legais, engraçadas, divertidas e ficávamos correndo o dia inteiro, jogando água uns nos outros, aproveitando cada segundo. Pensando bem, todos aqueles dias passados em Porto Seguro deveriam ser eternos. Pelo menos, na minha memória, eles ficaram eternizados. Lembranças que jamais serão apagadas. Que viagem inesquecível! Um dia estarei de volta, Porto Seguro!

Como foi bom falar com você sobre esse passeio lindo e, devagarzinho, matar um pouco a saudade, querido diário!



Até amanhã!

Beijos.

Alunas: Ana Liz e Isadora

Uma vida sem pandemia

De repente, o mundo transformou-se

Máscaras

Balões de oxigênio

Água

Sabão

Álcool em gel.



Instaurou-se por aqui um cenário cruel.

Como seria a vida de novo sem a pandemia?

Normal?

Legal?

Fenomenal?

Não, seria uma questão de:

Quem conseguir, sobreviva!

Vai passar?

Talvez... e, quando passar,

Precisamos a vida ainda mais valorizar.

Nesses tempos de pandemia,

Abraços são um perigo.

É melhor se prevenir,

Se isolar para não ferir

ou contaminar nenhum amigo.

Aluna: Ana Tereza



O que penso...

Bom, não sabia como começar, já que esse meu pequeno ou grande texto vai aparecer em um livro, talvez o meu primeiro ou o meu único.

Às vezes me pego pensando sobre a minha vida e a humanidade em geral, tenho certeza de que nossas vidas jamais serão as mesmas depois dessa pandemia. Eu desenvolvi muitos problemas graças a ela e, com certeza, não sou a única. Os dias para mim estão tão repetitivos, eu acordo e vejo centenas de notícias de mortes, guerras, fome e penso: será que as pessoas não possuem empatia pelo próximo? Enquanto uns seguem aglomerando, outros morrem sem ar nos corredores dos hospitais, outros passam fome devido a crise econômica e a falta de emprego.

Um dia, enfim, percebi que as pessoas só param para ver o que está acontecendo quando algo ganha visibilidade, como a morte do ator e humorista Paulo Gustavo, uma inspiração para mim. A morte dele me fez perceber como existem pessoas hipócritas nesse mundo, postando condolências à família e aos amigos, além de frases como: “a vida é um sopro”; mas, antes disso seguiam em aglomeração e não demonstravam qualquer empatia pelo próximo. Esse vírus só vai acabar se passarmos por isso juntos, não adianta se algumas pessoas cuidarem de si e de quem eles amam, se outras não fazem a parte delas e continuam sem usar máscaras e sem se cuidarem. Com esse comportamento, o vírus vai continuar se proliferando. Por causa disso, não tenho muita esperança na humanidade, pois é egoísta e só olha para si mesma.

Vimos o chamado “pulmão do mundo” ficar sem ar, vimos a Tata Werneck e inclusive o Paulo Gustavo, entre outros comediantes e artistas, fazendo vaquinhas nas redes sociais para comprar oxigênio para salvar Manaus, enquanto governantes não tomavam a devida atitude. Lamentável pensar que um dia isso poderia acontecer. Apesar dessa triste realidade, eu tenho esperança, principalmente quando vejo notícias de um bebê que nasceu com anticorpos contra a Covid-19, ou uma mulher que realizou o sonho de ser maquiadora, mesmo sem o movimento dos braços; como também o fato do ator Fabrício Oliveira criar um projeto para a inclusão de jovens no mercado, o que é incrível e me faz ter fé e acreditar que as coisas ainda vão mudar.

Considerando o clichê “A esperança é a última que morre”, digo que não a percam, bem como não percam a empatia e a humildade. Parece distante, difícil, mas precisamos acreditar que tudo vai passar.



Um abraço, mesmo que virtual, aos meus leitores.

Aluna: Ana Tereza

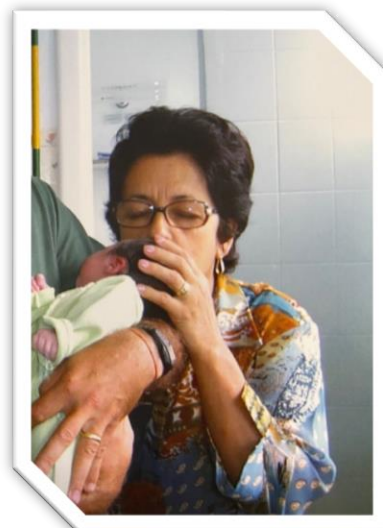
A casa dos avós

Na casa dos avós
tudo tem mais amor:
a comida, as conversas, as histórias,
sempre com mais cor.
As lembranças da infância
passeiam por ali
e jamais se apagam com a distância.



É claro que nada é perfeito,
afinal, o que nessa vida é isento de defeitos?
As vezes surgem pequenas brigas, atritos,
mas sempre prevalece o respeito,
porque os avós não gostam de gritos.

Há pessoas, tão infelizes,
que não os querem por perto,
mas eles estão sempre ali, de braços abertos...
Quem dera fossem eternos
e pudessem nos aquecer e serem aquecidos
durante milhares de invernos!



Alunos: Arthur, Eduardo e Kairo

23 de abril de 2009 (Sexta-feira)

Meu diário, hoje, com certeza, foi o melhor dia da minha vida: acordei, e na mesa, no café da manhã, havia pão com mortadela que, com certeza, é uma das seis ou seta - não sei - maravilhas do mundo. Fui para a escola e a professora nos deixou ir para o recreio cinco minutos mais cedo. Consegui ser o primeiro na fila para o lanche.

Cheguei em casa e com muita sorte, consegui fazer com que minha mãe me deixasse ir para a rua jogar futebol e brincar de pique-esconde, e assim, nem vi o tempo passar, voltei para casa. Ao entrar na cozinha, sinto o cheiro de bolo: bolo de chocolate, um luxo nos dias de hoje. Devo ter comido uns quatro pedaços. Levei uma bronca daquelas por ter demorado na rua. Mas um ponto bom foi que tomei banho mais tarde, o que não é comum aqui em casa.

Ah... o mais importante: ganhei três balas da professora por ser um bom aluno e é por isso que hoje é o melhor dia da minha vida inteira. Amanhã faremos uma viagem...

Falaremos sobre ela em breve. Que os pequenos detalhes e pequenas alegrias sejam sempre apreciados!!

Boa noite, querido diário!

24 de abril de 2009 (Sábado)

Olá meu diário, desculpe-me ter lhe falado que ontem tinha sido o meu melhor dia, acho que me enganei. Hoje, eu e minha família estávamos em Araguari e partimos para Uberlândia. Sabe qual o motivo? Uma viagem inédita, de avião, para Natal, no Rio Grande do Norte. Estávamos bem ansiosos. Todos diziam que Natal era uma cidade linda e aconchegante.

Chegando ao aeroporto, pegamos o avião e fomos até Recife, onde tivemos que esperar oito horas até o próximo voo. Enquanto esperávamos, passeamos pelo aeroporto, vimos lojas e talvez iríamos até a orla de Recife caso sobrasse tempo. Enfim, o tempo passou rápido e já era hora de embarcar novamente.

Pegando o último voo do dia, fomos de Recife até Natal. Depois de uma longa viagem, descansamos no hotel e pudemos agradecer por ter chegado bem.

Provavelmente, ficarei ausente por esses dias, diário! Sei que as emoções que me esperam aqui em Natal farão com que eu não tenha muito tempo para escrever. Mas sentirei saudades... e você, descanse!

Passo por aqui quando estiver livre e lhe conto as novidades. Boa noite!

25 de abril de 2009 (Domingo)

...

26 de abril de 2009 (Segunda-feira)

...

27 de abril de 2009 (Terça-feira)

...

28 de abril de 2009 (Quarta-feira)

...

29 de abril de 2009 (Quinta-feira)

...

18 de novembro de 2022 (Domingo)

...

19 de novembro de 2022 (Segunda-feira)



Bom dia, diário! Quanto tempo estive ausente, sem coragem de escrever, desde aquela tragédia em Natal. Hoje, resolvi voltar para falar de uma época inesquecível.

Uma sensação de nostalgia me envolveu hoje e me lembrei da minha infância... de um tempo bom que não volta mais. Nossa, que saudade de quando eu brincava com meu irmão e com o nosso caminhão de madeira. Colocávamos terra no brinquedo e permanecíamos horas e horas distraídos, vivendo nossas fantasias, sem pensar na realidade. Brincávamos com tratores, até estrada de terra fazíamos para que eles passassem, como se fossem de verdade.

Que saudade imensa eu tenho da minha égua Rainha. Eu e ela andamos “nesse Patrocínio inteiro”, nos desfiles das festas da cidade. Ela morreu, pois já estava ficando velhinha, mas, na minha memória, ela sempre estará presente.

Saudade mesmo eu sinto da minha primeira Romaria, vontade de reviver esse momento. Sabe, diário, as vezes tenho a impressão de que não poderemos mais viver tanta coisa que estávamos habituados. O mundo está tão estranho... vírus, bactérias, doenças incuráveis... tudo mudando na vida humana.

Saudade da minha infância, onde a única preocupação era se o caminhão de madeira ou o trator de brinquedo resistiriam as estradas imaginárias e ao tempo...

Que permaneçamos firmes, fortes e com fé! O mundo gira e o amanhã é desconhecido.

Abraços! Até amanhã (que seja melhor que hoje)!

Aluna: Emilly Victória

Ver você outra vez

Queria abraçá-lo mais uma vez.

Não entendo por que se foi.

Você deixou saudade no meu coração.

Lá no céu, você é a estrela mais linda.

Sei que você está em um lugar melhor.

A recordação que tenho, é cada vez maior.

Eu sei que está com Deus...

Eu nunca imaginei um mundo em que você não estivesse.

Você é meu amigo, então fica comigo.

Só queria que você estivesse do meu lado

Para me ajudar e me amar.

Só queria saber o porquê da sua partida,

Me deixando aqui tão só, nesta vida.

Sei que você está em um lugar melhor.

A saudade de você é cada vez maior.

Eu sei que está com Deus

Não poder vê-lo,

Não o abraçar e não o tocar

Está muito difícil.

Só queria ver você outra vez.

Mas o tempo foi cruel

E deixou em mim o amargo do fel.



*Felizes ou ruins as memórias
vão sempre existir mas nunca deixe
que elas te façam desistir*

Nostalgia na adolescência

Quando mencionam a infância, o que vem a sua mente? Bem, para mim, não muito. Tenho quatorze anos, então não experimentei muito ainda, mas as poucas lembranças que já tenho significam muito para mim. Os anos passam cada vez mais rápido e, durante meu crescimento, tenho experiências novas e ganho mais entendimento. Mesmo sendo tão jovem, sinto cada vez mais saudade da minha infância. Não me recordo de todos os momentos, mas se há momentos que nunca vou esquecer, estes estão na escola.

Eu quase sempre fui uma criança introvertida, não gostava de falar com os outros colegas, não era muito sociável, mas tinha muitos amigos, mesmo com minha incomunicabilidade. Nunca me senti sozinho. Quando tinha dois anos, minha mãe me matriculou no colégio e, naquele período, não gostei muito da ideia, mas depois de um tempo fui me acostumando. Posso dizer que somente alguns anos mais tarde pude ser considerado um estudante de verdade, quando comecei a entender a importância dos estudos na vida.

Lembro-me muito do meu primo: ele e sua mãe iam para minha casa quase todos os dias, portanto, minha rotina os incluía. Gostava muito de tudo isso, mas sempre havia muitas brigas (afinal, éramos duas crianças). Acordava, assistia à televisão, tomava café da manhã e ele chegava. Brincávamos por horas e depois íamos direto ao banho, enquanto nossas mães faziam o almoço. Depois, meu pai chegava e nos levava para a escola. Essa era a época em que ainda morávamos em um apartamento, apertado, mas aconchegante. Quando me lembro dessa rotina, sinto-me nostálgico, sinto uma sensação boa. Um dos motivos para eu querer ir para a escola era a nossa professora, uma mulher extraordinária. Lembro que naquela época, ela tinha um sobrinho que estudava conosco, então eu ficava morrendo de ciúmes, todos queriam sua atenção. Mas também havia outro motivo, uma menina de cachinhos, menor que eu (o que era bem difícil) e que sempre brincava comigo. Mesmo eu sendo extremamente tímido, ia até mim e me chamava para brincar. Ela era uma menina encantadora, doce, meiga e não me recordo de uma vez sequer que ela tenha brigado comigo.

Eu não gostei muito da ideia de estudar, mas a nossa professora sempre dava algum jeito de me entreter, então achava aquilo tudo mágico. “Como ela conseguia fazer seu trabalho e ainda ganhar nosso amor e confiança?”, era o que eu pensava, mas agora vejo que é porque ela realmente gosta de crianças, no caso, de nós.

Gosto muito de minhas lembranças escolares e acho que existem coisas que são tão simples no nosso dia a dia, mas quando deixamos de fazê-las, sentimos falta. E uma dessas coisas eram as músicas que cantávamos antes da aula começar. Fazíamos uma fila crescente (uma das meninas e outra de meninos) e eu amava ficar no início dela. As músicas eram engraçadas e divertidas, as professoras cantavam e ensinavam os gestos.

Não gosto de ficar lembrando das coisas que eu fazia na escola quando era pequeno, mas algo que sinto muita saudade de fazer é cantar o hino toda sexta-feira antes de a aula começar, apesar de que naquele tempo não sabia cantar. E é bom lembrar que algumas vezes, quando não voltávamos para a sala, brincávamos no parquinho com alguns brinquedos que trazíamos de casa. E o momento que mais gostava era quando a professora colocava um TNT preto no chão (às vezes colorido) e usávamos de pista para os carrinhos.

Um episódio que nunca vou esquecer foi quando um menino vomitou na sala, ele não estava passando muito bem e eu era um menino que tinha muito nojo de tudo, até dos colegas. Estávamos brincando de peças de montar e o vômito contaminou todas elas, só lembro de ter saído correndo para o fundo da sala.

Nunca me esquecerei também das idas à moto pista. Geralmente, quando estava chegando no final do ano, a escola nos levava ao clube ou à moto pista, que era um lugar maravilhoso. Não consigo esquecer dessas memórias, crianças em suas bicicletas, indo de um lado para o outro, alguns puxavam os outros para simular um trem. Era um desastre, mas eu amava.

Um dos dias mais legais foi quando estávamos no quinto ano e fomos para a escola de manhã, que era uma experiência para quem iria mudar de turno. Esse dia foi extraordinário para mim, conheci os novos professores e vi como seria minha vida a partir dali. Fiquei com medo, mas também ansioso para minha nova vida escolar. Passei para o turno matutino, foi triste, mas também emocionante, uma experiência incrível, já que nunca havia estudado de manhã. A certeza maior, em tudo isso, é que cada vez que avançamos, o tempo não nos espera mais.

Hoje tenho quatorze anos e, claro, muita coisa mudou: minha personalidade, os gostos e a mente. Quando tudo isso aconteceu, eu era apenas criança e não sabia nem controlar as próprias emoções. Minha vida mudou e acredito ser uma nova pessoa. E isso é muito bom, porque quando criança eu era totalmente autoritário e não sabia lidar com as pessoas ao meu redor (até o ano passado). Mas agora sinto que estou melhor. Por isso, não desista de avançar e não fique com medo de perder o que já passou, pois sempre ficará na memória. Não devemos ter medo de melhorar, pois são essas melhoras que nos dão força para continuar.



E você, já se apegou a sua infância na adolescência?

Aluno: Felipe César

Viagem em Família

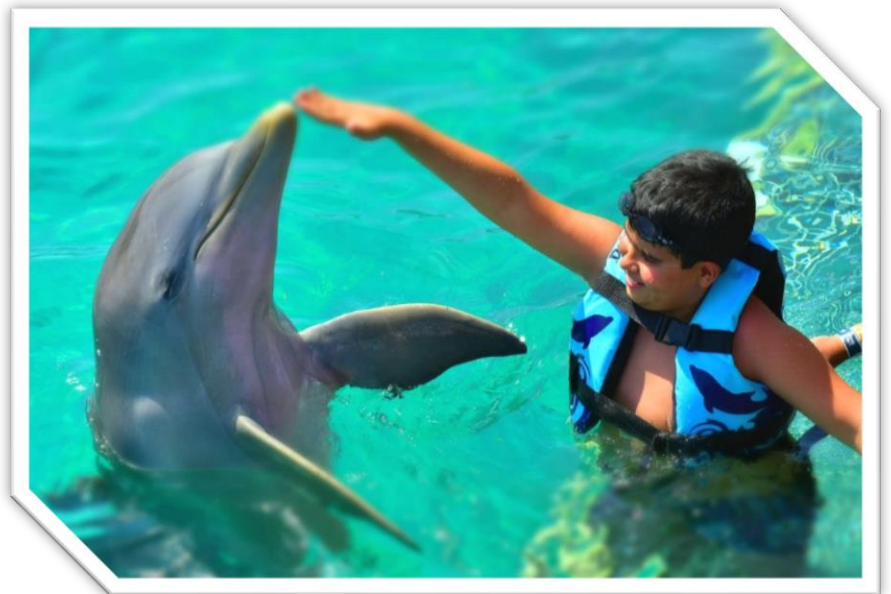
Em junho de 2019, eu e minha família havíamos combinado de viajar para Cancún, no México, para buscarmos minha irmã que havia feito intercâmbio de um ano para lá.

Estávamos muito ansiosos para finalmente encontrarmos minha irmã no México. Foram oito horas de viagem: de Uberlândia até São Paulo, São Paulo até o Panamá e do Panamá até o México, foram vários aeroportos, mas foi muito bom quando chegamos.

Ver minha irmã e sair correndo para abraçá-la provocou em todos uma emoção incontrolável, fazendo com que chorássemos pela alegria do reencontro. Após o primeiro contato, com tantas sensações que se confundiam, fomos para o hotel e, ali em Cancún, ficamos por mais uma semana.

Foram dias incríveis, com praias lindas, comidas saborosas, lugares muito quentes e diferentes. Um momento inesquecível foi quando eu e meu pai nadamos com lindos golfinhos, tubarões-gato e até mesmo arraias. Foi tudo muito bonito, mas tudo que é bom dura pouco. Tivemos que voltar ao Brasil e passamos por muitos aeroportos, da mesma forma que até o México.

Quanta saudade eu sinto dos dias no México... quanta lembrança boa posso guardar, para recordar e esperar que um dia eu possa viver uma experiência tão mágica quanto essa e conhecer vários outros lugares, com a confiança de que dias melhores estão por vir.



Aluno: Felipe Gabriel

A vida com a pandemia

A vida, antes do vírus passar da China ao mundo, era muito melhor. Passeios em restaurantes, cinemas e abraços eram permitidos. Era tão bom poder sair, ir a vários lugares com a família ou com os amigos.

Eu gostava muito de assistir futebol. Como foi necessária uma pausa nos torneios, senti muita falta daquela emoção que a torcida e os times transmitem.

Não posso dizer que ficar em casa foi totalmente ruim. Claro que não. Veio, com a pandemia, a oportunidade de aproveitar mais o tempo ao lado da família, dando mais atenção uns aos outros. Apesar da distância de amigos e parentes, a internet permitiu o contato por meio de videochamadas, o que amenizou a ausência.

O que resta é lembrar das viagens, dos passeios em família e com os amigos, da liberdade que nos era dada. Quando 2021 chegou, pensei que seria possível retomar tudo isso. As atividades sociais foram aos poucos sendo retomadas, voltei para a escola, mas nada normal ainda. Será que, um dia, haverá normalidade?

Eu imaginei tantas coisas a serem realizadas em 2020, mas ficou apenas no sonho. Com o mundo inteiro parando, várias mortes chegando, populações chorando, com medo e insegurança, tudo foi adiado.

Hoje, me pergunto: como estaria o mundo, se não tivéssemos passado por tudo isso? Seremos melhores, depois de tudo?



Casa da avó

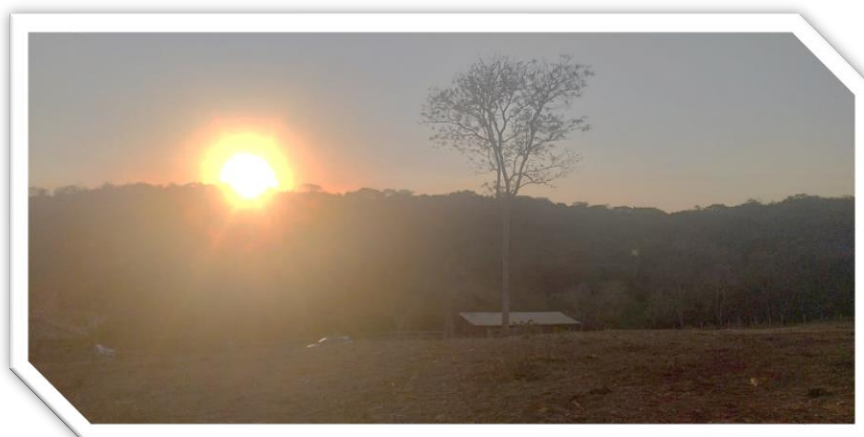
No começo do ano, como de costume, sempre reunimos a família toda para preparar pamonhas, tradição passada de geração em geração. Estávamos fazendo toda rotina normal: acordar cedo, viajar até a casa de minha avó em Guimarães, e assim começar a descascar o milho.

Infelizmente, naquele dia em especial, faltou palha e milho para o preparo. A maioria dos milhos comprados estavam ruim e então tivemos que ligar para o tio Geraldo para ver se ele tinha mais milho. Fomos até a fazenda e colhemos os milhos, totalizando mais três sacas de milho.

Começamos assim, de forma definitiva, o preparo das pamonhas. Separamos cinco cadeiras e cada pessoa tinha sua função: cortar, descascar e limpar. Minha avó estava na cozinha fazendo os copinhos com a palha do milho para colocar as pamonhas a cozinhar. O tempero dela sempre foi magnífico e dessa vez não estava diferente. E, ali, olhando minha avó, pensei em quantas e quantas vezes na vida ela havia assumido aquela função, juntamente a seus ancestrais.

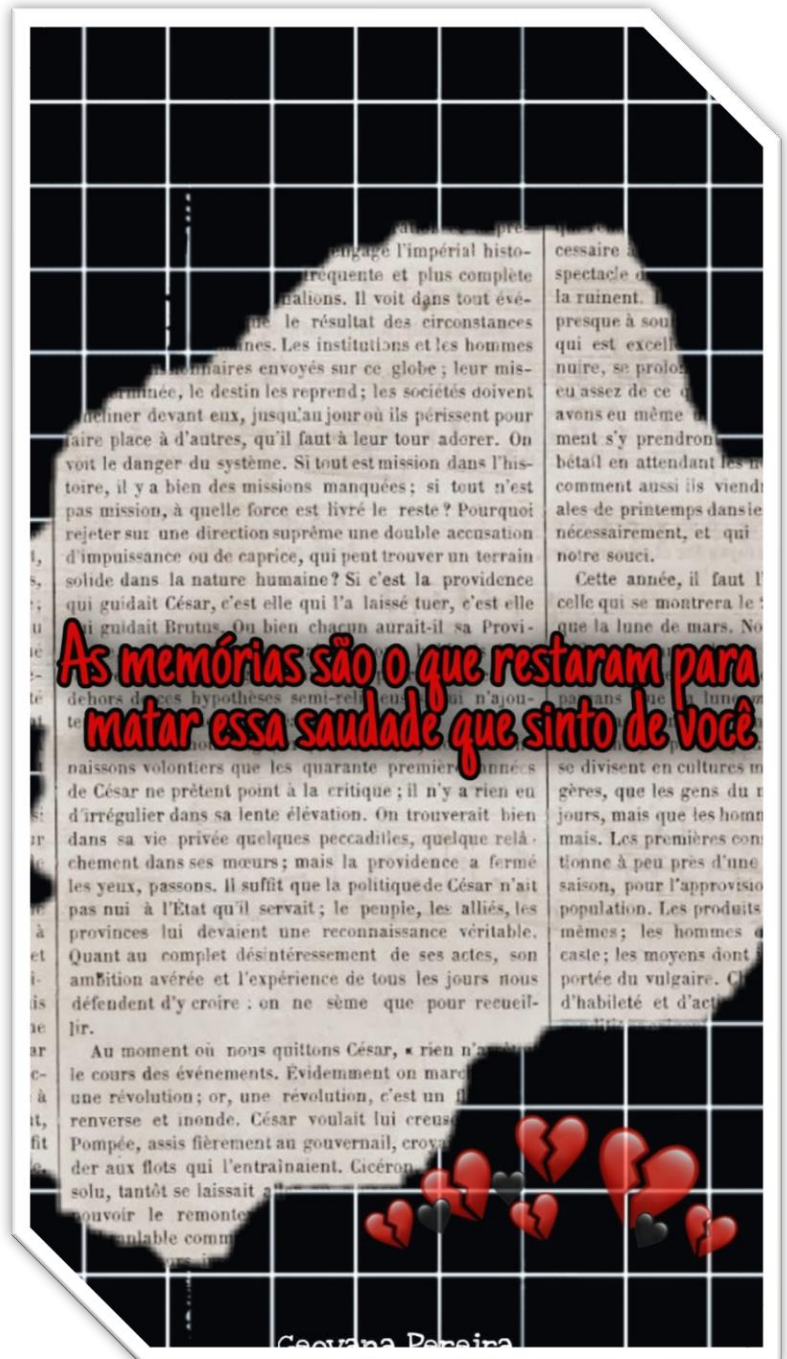
Depois de todo o preparo, finalmente chegou a hora de começarmos a comer. A fome já me atormentava, e então resolvi fazer uma competição com meu irmão e meu padrinho de quem comia mais. Mesmo extremamente faminto, não fui o vencedor. Por incrível que pareça, nem me importei com a derrota. Afinal, para mim, naquele momento, a imagem da minha avó, da família reunida, o som das nossas conversas do lado de fora da casa, o milho, a palha e a pamonha eram o mais relevante. Quanta vida havia nisso tudo! Quanta festa havia nesses momentos!

Foi aí que pensei no quanto eu era abençoado e feliz em viver aqueles dias naquela cidadezinha do interior, onde tantas histórias de família são até hoje construídas.



O antes

A vida é como um livro de contos,
A cada página uma história,
A cada momento uma nova memória.
Por mais que as coisas mudem,
As memórias vão sempre estar ali,
Mesmo que sejam aquelas
Que não te fazem tão feliz...
Pois nem tudo na vida
É como um mar de rosas.
Sempre vão existir
Aquelas memórias dolorosas...
Mas não é por isso
Que devemos nos abalar
Aquelas memórias felizes
Da mente não devemos apagar.
E assim o tempo vai passando,
E memórias vão se acumulando
Deixando marcas
Que para sempre serão lembradas!



Minha primeira amizade

Lembro-me da primeira vez que ela me chamou pra brincar, minha melhor amiga Letícia, que esteve comigo na maior parte da minha infância. Ela era um doce de criança, na escolinha tinha muitos amigos, usava franja e cabelo solto, longo e bem brilhante. Letícia era faladeira, destacava-se para os professores; enquanto eu era quieta, tímida, calada. Eu não sabia me enturmar, mas um dia Letícia me chamou pra conversar e ir brincar na casa dela, e eu fui.

Minha mãe um dia colocou na lancheira dois sucos em vez de um, para eu dividir com a minha mais nova amiga. Cheguei na escola toda empolgada, mas na hora do recreio fiquei vermelha e acabei perdendo a coragem, afinal, Letícia ficava rodeada de amigos, corria, brincava, com o sorriso brilhante que só ela tinha.

Chamei ela para brincar na minha casa e ela foi... uma, duas, dez, trinta vezes. Crescemos juntas, mas na adolescência nos desentendemos e nunca mais fomos como antes. Sinto falta das gargalhadas, hoje apenas é um cumprimento e talvez um abraço sem um pingão de emoção.



Thor e Aquiles

No dia 12/03/2020, meu pai me deu a notícia de que ele iria comprar dois cachorros machos, um Buldogue e um Pug. Eu já estava muito feliz, pois ganharia um cachorro. Saber então que ganharia dois me deixou em pleno estado de felicidade. Só eu sei descrever o tamanho da minha alegria naquele momento. A partir disso, comecei a imaginar, ansiosamente, os nomes que daria a eles.

Foram muitos os nomes sugeridos em família: Algodão Doce, Pipoca, Leite Condensado, Frederico, Churros, Totó... Eu, indeciso demais, fiz várias pesquisas na internet, mas sem solução. Até que meu irmão deu a sugestão de Thor e minha mãe, de Aquiles. Foi o máximo, acertaram precisamente.

Depois de muita conversa, os dois cachorros chegaram à minha casa, que, de cara, já mostraram a sua personalidade. Aquiles era mais discreto, só observava e analisava o novo território. Já o Thor parecia até “Dennis, o pimentinha”, de tão sapeca. Tudo o que ele via pela frente queria morder.

Daquele dia em diante, os bichinhos marcaram nossas vidas de uma forma incrível. Uma vez ficamos sete dias fora de casa, viajando. Minha mãe deixou, sobre a mesa, um saco de papel higiênico, e, quando chegamos, havia papel rasgado para todos os cantos da casa, até na piscina. Deduzimos que só poderia ser “arte” do Aquiles, que resolveu chamar a atenção e avisar que não gostou nada de ficar sozinho com o Thor em casa. Logo que entramos, os dois cãezinhos nos esperavam com muita alegria, mas também com uma carinha de que haviam aprontado muito na nossa ausência.

Toda essa bagunça não acabou por aí. Também havia ração no chão do meu quarto e na cama. E como eles tinham engordado! Parece que a nossa vizinha, que ficou cuidando deles, dava, além da ração, seis maçãs por dia para cada um. Ficaram tão mal-acostumados, que precisaram de uma reeducação alimentar.

Apesar das peraltices que aprontam até hoje, eles são a alegria da família. Nos momentos difíceis, eles nos distraem, demonstram amor e carinho.



Aluno: Henrique Gabriel

Amor do mundo animal

Incrível como a presença de um mero animalzinho de estimação pode mudar nossa vida e de nossa família repentinamente.



Desde que acordei, percebi que aquele dia seria diferente, uma sensação de que algo novo aconteceria

me acompanhou na ida e na volta da escola. Foi naquela sexta-feira que encontrei uma cachorra de rua e a apelidei de "Paula". Apesar de me sentir atraído e encantado por aqueles olhinhos carentes, ela permaneceu na calçada da minha casa, mas todos os dias eu ia até ela para colocar água e comida, até que um dia, não resistindo mais àquele olhar carinhoso, pedi para minha mãe deixá-la ficar dentro de casa e ela deixou. A partir daquele dia, instaurou-se um caos na nossa casa. Caos que deu mais vida e animação aos nossos dias, pois a calopsita da minha irmã e a nossa nova hóspede tornaram os momentos do nosso lar bem imprevisível.

Era uma correria para lá e para cá, rosnados e altos pios por toda a casa. Tinha ficado mais difícil estudar, mas ao mesmo tempo tudo era uma diversão. Porém, um dia a Paula quase matou o pobre pássaro. Percebi que um silêncio havia se instaurado na casa e achei bem estranho. Fui verificar e vi a calopsita deitada no quintal, quase sem vida. Paula, numa luta infinita, havia cravado seus fortes dentes na frágil ave. Ah... talvez o excesso de vontade de brincar, se divertir e a intensidade do carinho tenha provocado aquele acidente. Claro... um acidente! Isso eu pude perceber, vendo a tristeza em que Paula se encontrava. Levamos a calopsita a um especialista e, por um milagre, ela sobreviveu (não só para a nossa alegria como também para a alegria da nossa cachorrinha).

Paula ficou tão feliz, que dormia todas as noites ao lado da calopsita, como quem quisesse proteger e cuidar. Era a imagem mais linda do final do dia. Como nós, humanos, temos a aprender com os animais. Cultivar o amor, o cuidado e a empatia deve ser uma prática de todo ser vivo, não só daqueles que fazem parte do mundo animal.

Aluna: lasmin

Relatos de um dia constrangedor

22 de fevereiro de 2016

Querido diário,



Que dia constrangedor eu vivi hoje! A escola sempre foi e será um dos meus lugares favoritos, mas depois de hoje, nem sei se ainda permanecerá assim.

Acordei mais cedo, fiquei bem bonita para aula e peguei o livro que foi solicitado pela minha professora de Literatura (a melhor de todas!).

Durante a aula, tudo tranquilo... Todos leram o livro, o silêncio era absoluto, pois nós estávamos muito empolgados e atraídos pela leitura, que era simplesmente maravilhosa. Que livro bom: "Diário de um banana"!

Tudo permanecia calmo, harmonioso, quando, de forma repentina, um problema: fui atacada por gases e... *boommmm!!!* Que vergonha! Já era o silêncio na aula! Agora se fazia um barulho ensurdecedor de risadas devido a minha falta de cordialidade com meus colegas e professora. Mas foi sem querer!

Os risos me levaram ao choro. Na verdade, a vergonha me fez chorar. Vim embora para casa tão desolada e triste, mas, ao mesmo tempo, depois eu mesma ri da situação. Coloquei-me no lugar dos outros colegas e percebi que, naquela situação, também daria muitas gargalhadas. Além disso, a culpa não foi minha. Meu organismo me traiu. Afinal, quem nunca passou por uma situação constrangedora na escola, não é querido diário?

Beijos e muita gratidão, a você, por me ouvir.

Que amanhã eu erga a cabeça e volte para um dos lugares mais maravilhosos que conheço, minha escola.

Aluna: Isabela Dias

Minha cachorrinha

Desde que me entendo por gente, tive a Zara, uma labradora de pelo preto, ao meu lado. Veio antes de mim, quando nasci já estava aqui. Juntamente a seu namorado Mané, outro labrador negro. Ficavam no quintal, em um grande canil somente para eles, com uma casinha que continha até números e dois pequenos quatinhos.

Zara sempre foi muito doce e muito enérgica; Mané era mais calmo, pelo menos é o que eu me lembro. Ele morreu quando eu ainda era pequena. Minha mãe me disse que ele viraria uma pequena estrelinha no céu, mas, mesmo assim, foi muito triste para mim.

Antes de Mané virar estrela, ele e Zara tiveram muitos filhotes: brancos, negros e manchados. Era muito divertido brincar de pega-pega com todos eles. Infelizmente, não podíamos ficar com todos, então doamos. O único que tive mais contato foi a Nala, um dos filhotes que ficou com a minha tia.

Nem sempre tinha tempo para brincar com ela, mas era muito divertido. Ela nunca devolvia a bolinha se você jogasse, então aqui em casa sempre jogávamos um limão do nosso pé para ela pegar e devolver, funcionava muito bem. Também gostava muito de mexerica, de correr atrás, brincar de desfile, passear e receber carinho com a escova de pentear os pelos. Uma coisa de que eu gostava muito era dar os petiscos que papai as vezes comprava, isso a deixava muito feliz.

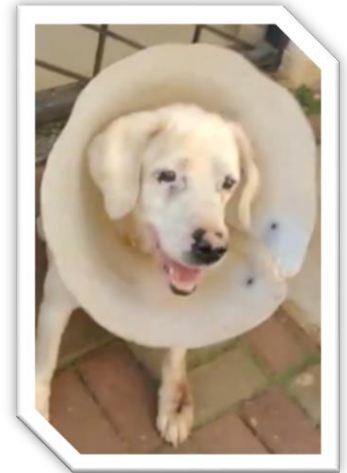
Ela era muito grande: de pé, do tamanho da minha mãe, então podia botar medo. Mas eu sabia que ela não machucaria ninguém, apenas pombos, ela matava muitos deles. Ela podia latir alto e pular em você, mas tirando isso, não fazia nenhum mal.

Nos anos mais recentes, comecei a passar mais tempo com ela, durante o recreio e passeando sem a ajuda do meu pai, pois finalmente conseguia segurá-la sem que ela me puxasse. Foi um tempo muito divertido, senti que fiquei mais próxima dela. Zara também desenvolveu vitiligo, de preta virou quase totalmente branca, o que confundiu bastante as visitas. São desses anos as memórias mais claras que eu tenho dela.

Lamentavelmente, Zara não está mais nesse mundo. Ela tinha câncer de mama, algo que eu só descobri poucas semanas antes de sua morte, que foi em fevereiro 2021. Ela viveu assim por 15 anos. Foi algo imensamente triste para mim, que nunca me imaginei sem ela na minha vida. Descer ao quintal e não a encontrar não fazia sentido.

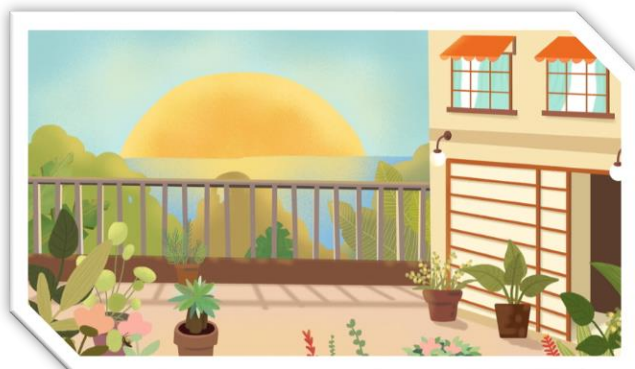
Muitas vezes, ao sair de casa, parava para dar tchau, até lembrar do ocorrido. Chegar de viagem animada para ouvir os latidos de boas-vindas, não acontecia mais. Pelo menos pude me despedir e dizer para ela que a amei muito em toda a minha vida e nunca existirá outra cachorrinha tão perfeita. Espero que ela tenha entendido, porque ela já estava meio surdinha.

Agora aquele enorme canil, casinha, bolinhas, coleira e até mesmo o pé de limão me lembram que não posso mais fazer carinho nela ou até mesmo senti-la pisando no coitado do meu pé. Felizmente, ao mesmo tempo, lembram-me daqueles lindos dias e lindas memórias. Memórias que eu vou guardar para sempre.



Apartamento da vovó

Minha avó já mudou muito de casa, mas, uma das que eu passei mais tempo foi um apartamento em um prédio de porta com vidro colorido. Esse prédio fica em Ubá, uma pequena cidade de Minas Gerais, a cidade da Manga Ubá.



Nesse apartamento, havia três quartos, uma cozinha, uma sala de TV... Essas coisas de apartamentos normais. Mas a minha parte favorita do prédio não era o apartamento, e sim o terraço.

Nesse terraço, que devia ser apenas da minha avó, pois não via ninguém mais usando, havia um balanço, uma rede, muitas plantas e muito espaço para correr. Era o lugar perfeito para brincar, principalmente com os meus primos.

Meus tios levavam os filhos e, para mim, era perfeito. A vovó fazia brincadeiras, muito doce (mesmo que eu não goste), os primos dormiam na sala e de manhã todos iam para o terraço. Para tudo ficar melhor, ocasionalmente, minha avó trazia bichos do sítio da irmã dela, que podiam ir de pintinhos a coelhos. Além disso, tinha o dominó perfeito para fazer construções e muitas bonecas e bichinhos de pelúcia.

Essas lembranças do apartamento da minha avó sempre me deixam muito feliz e com saudade da minha infância. Também são um ótimo assunto para falar com os meus primos, como a história em que uma vez um coelho do terraço mordeu o dedo do meu irmão, o que gerou uma confusão.

Além do apartamento e do terraço, também existia a vendinha da Gracinha, a amiga da vovó, que ficava na frente do prédio. Lembro que comprávamos doces e picolés de lá. Também havia um parquinho a alguns quarteirões de distância, o qual tenho uma memória muito forte: o dia em que um caminhão passou em cima de uma moto e eu perdi tudo o que aconteceu pois estava no balanço. Eu fiquei muito brava, porque todos ficavam comentando - em choque - como aconteceu e eu queria ter visto também.

Engraçado como as memórias mais trágicas são as que ficam mais gravadas na mente. Mas, com certeza, as minhas preferidas são as com a minha família, aproveitando e rindo muito. Seja no apartamento, no terraço, no parquinho, na vendinha ou no sítio da tia-avó. São umas das minhas melhores lembranças e sei que posso recorrer a elas quando estou triste.

Só espero que as novas lembranças com a minha família na nova casa da minha avó (desta vez uma casa mesmo, bem grande e antiga, já que era da minha bisavó, também em Ubá) também possam ser meu refúgio no futuro e que elas sejam bem duradouras como as outras.

A cachoeira das águas brilhantes

O sol quente batia em sua cabeça e o calor percorria seu corpo, um dia quente e perfeito para nadar. Era um pouco longe, mas já estava perto e quase chegando. Depois de descer um pouco mais de um quilômetro, Eliza já não aguentava. Será que valeria mesmo a pena continuar?



Árvores a frente cobriam a vista, uma pequena trilha passava pelas árvores saindo em uma bela cachoeira, que era realmente maravilhosa. As águas brilhavam fortemente como se tivessem pérolas ao fundo, a areia era macia com algumas pedrinhas, como se fossem um cascalho fino e macio. Eliza correu até uma árvore que tinha um tronco caído e tirou suas roupas, ficando com seu biquíni. Depois correu para a água e mergulhou, a água estava um pouco fria, mas como o dia estava muito quente, ela nem percebeu e continuou nadando.

Havia pedras grandes do lado da cachoeira que encostavam na água, Eliza foi até lá e subiu nelas, caminhou um pouco, chegando a pequenos poços. De repente, olhou para a frente e uma lembrança veio a sua cabeça. Anos atrás, ela estava ali com sua família, pois a menina ia quase todo fim de semana com seus pais, mas, com o tempo, muitas pessoas começaram a frequentar o local e, como ficou muito poluído, tiveram que fechar a entrada para ninguém passar, mas, anos depois a entrada foi permitida novamente.

Eliza se lembrou na hora de como ela era baixinha e não conseguia andar nas pedras direito e também não conseguia nadar, então seu pai sempre a ajudava, aquela época era realmente maravilhosa, mas com o tempo ela até se esqueceu de tudo aquilo. O sol estava tão forte que ela já havia secado, então voltou e continuou a nadar. Algumas horas depois, quando estavam indo embora, ela olhou para trás e na hora sentiu que voltaria ali novamente.

O presente inesquecível

É impressionante como o mundo virtual vem de um crescente aumento ao longo das últimas décadas. Conforme essa demanda, cada vez mais jovens e crianças são inseridas nesses meios, assim como eu, que aos meus seis anos tinha recebido um *tablet*. A vontade de acessar e jogar era imensa. Sempre acompanhei aqueles *gamers* no *Youtube* e achava incrível todo aquele mundo, que só existia nos jogos. Mas o *tablet* não me proporcionava toda aquela experiência e a capacidade que eu gostaria de adquirir.

Certo dia, meu pai trouxe um novo *notebook* para casa, o que me deixou tão feliz, que a primeira coisa que eu fiz foi sentar na frente do aparelho e baixar os jogos. Em um primeiro momento, foi incrível; em segundo lugar, muitos vírus se instalaram na máquina. Eu tinha somente 8 anos e não sabia mexer nessas coisas ainda. Mas nada me impedia de ficar o dia todo jogando. Até que em um dia, com meus 11 anos, jogando no mesmo *notebook*, pedi um fone novo para os meus pais, de aniversário. Eles disseram que iriam comprar, o que me fez dormir feliz. Só de imaginar que eu conseguiria falar tranquilamente com os meus amigos sem eles reclamarem que meu áudio parecia um microfone dentro de uma garrafa, deixava-me em êxtase. No dia do meu aniversário, meu pedido foi atendido, meus pais me deram o fone, fiquei feliz e já corri para *notebook* para inserir o novo acessório. Porém, maior ainda foi a minha surpresa quando meu pai e minha mãe me chamaram para a sala e eu, sem entender nada, vi que lá estava um computador inteiro, todo montadinho, bonitinho, com teclado sem fio e tudo. Quanta felicidade! O *notebook* era bom, mas não rodava tudo o que eu queria. O computador foi, sem dúvida, o presente de que eu nunca vou me esquecer.



O computador foi tão marcante para mim, que costumo pensar que gostaria de seguir a carreira no meio dessas tecnologias, afastando-me um pouco da diversão e gerando recursos avançados no meio tecnológico, algo profissional mesmo. Milhares de coisas se passavam pela minha cabeça, já que agora eu tinha o meu próprio computador.

Mas minha felicidade durou pouco. O computador era péssimo! Passaram a perna no meu pai! O computador era falsificado, não rodava nada, nem *Youtube* direito. Mas ainda bem que com o passar do tempo, com muita economia, conseguimos dar uma melhoria no computador. Hoje ele é ótimo, atende todas as minhas necessidades, roda tudo o que eu quero e eu consigo fazer o que eu queria fazer desde cedo, que é criar jogos.

Aluna: Júlia Florence

Por que não nos esquecemos das lembranças?

Lembrança é a recuperação das informações do nosso passado e que, muitas vezes, ocorrem de forma espontânea. Hoje mesmo estava na casa de minha avó e fomos organizar os armários antigos. Achamos muitos brinquedos, inclusive um diário que me fez ficar pensativa... pois, ao rever os brinquedos, lembrei-me de todos os momentos bons que passei. Brincava de ser professora, de interpretar filmes, de gravar vídeos e de fazer comidinhas. Mas, ao ler o meu diário, lembrei que nem todos os dias foram bons.



Nosso cérebro tem tendência a lembrar do que é positivo para afastar da mente as lembranças negativas. Ele rejeita o que é desnecessário.

Mas será que esses acontecimentos negativos são realmente desnecessários e não nos acrescentam em nada?



Alunas: Julia Florence e Sofia de Souza

Saudades de ser criança

Saudades de ser criança

Saudades de poder brincar, pular e cantar

Sem se preocupar com o tempo que estava a passar.

Saudades de quando eu não tinha responsabilidades

Saudade de poder ter várias personalidades

Saudades de criar e brincar de casinha

Saudades de ser criança.

Saudades de ser criança

De dançar e me divertir

Sem se preocupar com que está por vir.

Saudades de ter todos comigo

Das amizades feitas no passado

Que atualmente só restam lembranças

De como o tempo passa rápido.

Agora só nos restam memórias

Como era bom ser criança!

Saudades de quando tudo era colorido

De quando tinha amor envolvido

Saudade dos abraços apertados

Que hoje são resumidos.

Saudade é algo que dói

Um sentimento que destrói

Mas sinto saudades.

Aluno: Leonardo

Boas memórias

Quando o assunto se trata de boas memórias, logo me vem em mente o dia em que ganhei minha cachorra, com certeza essa é uma ótima lembrança.

Estávamos voltando de viagem, quando a minha mãe viu um anúncio de vendas de filhotes, eu fiquei muito entusiasmado com a ideia de ter um cachorro e lhe pedi para que comprasse um deles. Logo ela negou, dizendo que não teria tempo para cuidar do cachorro, mesmo assim, insisti muito, e ela com muita dificuldade, aceitou.

Havia passado uma semana, e então fomos escolher o animal. Chegando lá, estavam sete pequenos filhotes, em uma pequena piscina de plástico. Não demorei muito para escolher, pois fiquei admirado em um filhote que tinha um pelo muito bonito e diferente dos demais, então, eu a escolhi. Tivemos que esperar um mês, já que é o tempo estimado para o filhote abrir os olhos completamente. Passado esse tempo, fomos busca-la, e então fiquei muito feliz e a levei para a minha casa, sentindo-me realizado.



Aluno: Lucas Resler

Lembranças de escola

Quando alguém me fala sobre lembranças de escola, eu penso em todas as escolas onde estudei, professores que conheci, matérias que aprendi e amizades que fiz. Há algum tempo, fui aluno de uma escola chamada Honorato Borges, até o terceiro ano do ensino fundamental.

Na época em que eu estudei nesse colégio, não havia computadores nas salas, quadros de caneta, apostilas e materiais digitais. Era quadro a giz e caderno para copiar, mas, mesmo assim, as aulas e os professores eram muito legais. Havia duas quadras e um pátio, não tão grandes, onde toda sexta-feira cantávamos o hino nacional.

Eu tenho na minha casa uma foto dos meus colegas que estudavam comigo naquela época, não consigo lembrar muito bem o nome de todos, mas eles foram grandes amigos e penso em um dia revê-los.



Aquele dia em que o morador de rua nos fez rir

Existe, em minha igreja, um grupo de jovens e todos os domingos após o culto, saímos e vamos ao centro lanchar e conversar. É o dia da semana de que mais gostamos e isso já virou rotina. Em um desses dias, um morador de rua nos parou e tivemos uma longa conversa, bastante engraçada.

Era apenas mais um domingo normal, estávamos no centro, em uma lanchonete, tudo seguia calmamente, até que então este morador de rua se aproximou e começamos a conversar. Éramos mais ou menos 12 pessoas, eu já imaginava que seria uma conversa daquelas, comecei a gravar, um rapaz muito simpático, ia tudo bem até que...



Ele começou a contar sobre uma desilusão amorosa que acabou sofrendo, e foi a partir daí que vi que seria um dia inesquecível. O rapaz estava alterado, bêbado e nos contou sobre sua ex-namorada Mariana, e o quanto ela o havia deixado triste. Em meio àquela conversa aleatória e repentina, percebemos que aquela narrativa estava incomodando todos à nossa volta, o que fez com que o nosso contador de histórias decidisse se retirar. Antes dele sair, o perguntamos para qual time de futebol ele torcia. Claro, era torcedor do galo. Nesse exato momento, ele se exaltou e começou a cantar o hino do Galo, o que também incomodou os presentes, pois todos nós começamos a bater nas mesas e a cantar junto a ele.

No entanto, diante da percepção de que estávamos instigando uma certa revolta ao redor, nosso grupo se retirou e acabamos nos dividindo. Algumas pessoas foram pegar um sanduíche no *Subway* e os outros ficaram no Hakuna Batata. Mais tarde, o mesmo grupo estava na praça e aquele mesmo homem apareceu de novo. Naquele momento, algo veio à minha mente: será que algum dia aquele homem teve uma vida digna, com um lar e uma família? Vieram tantas coisas em minha cabeça, que – na verdade – trazem uma reflexão: o quão pequenos somos diante da grandeza e das incertezas do mundo. Hoje, vivos, saudáveis, felizes, realizados..., mas e amanhã? Será que manteremos nossas forças para lutarmos por uma vida boa no futuro? Ou será que amanhã seremos como aquele homem, indivíduo errante, incerto, feliz com o pouco, mas sozinho, mesmo estando em meio a tantas pessoas na rua? Não sabemos... Que no futuro nossa memória guarde o que é bom e tenhamos a certeza de que construímos um caminho que pôde nos levar a uma vida digna, diferente daquele vivenciada pelo morador de rua.

A vida

Queria saber se sou só eu,
Se sou só eu que sente que o tempo está passando,
Mas nós continuamos no mesmo lugar.
A gente tá crescendo e envelhecendo,
Mas mesmo assim continuamos os mesmos.

Com a idade tudo muda;
As obrigações já não são mais as mesmas,
Ainda me lembro de chegar tarde em casa,
Me sentar no sofá da sala com o maior sorriso do mundo
Só esperando pelo meu desenho favorito.
Correr, jogar bolar, pular corda, esse era meu recreio
E mal aguentava de felicidade as sextas porque era dia do brinquedo.

Hoje a escola já não é mais tão feliz como antes;
As pessoas nos veem como meros estudantes.
Pensam que somos todos iguais
Que queremos ser nada além de um médico, advogado ou engenheiro,
Com toda a pressão de provas, carreira e ENEM
Sempre esperando a nota 100.

E é assim que deixamos aqueles velhos sonhos de infância
E tudo vira uma lembrança.
De quando não nos comparávamos com os demais
E só nos preocupávamos
Se íamos ganhar aquele presente de Natal tão desejado.

Em casa é quase tudo do mesmo jeito,
Eles falam e falam na nossa cabeça
Como se nunca tivessem escutado aquilo.
No fundo acho que se lembram e sabem como é exaustivo,
E que dói tentar ser o melhor em tudo.

Mas encontraram uma forma de esconder esse sentimento
E se esquecerem de que já foram iguais a mim.
Talvez tenham se esquecido de como é ser
Tolo, jovem e inconsequente,
Esqueceram de como é ser adolescente.

A verdade é que temos medo de crescer.
Por mais empolgante e cheia de emoções que a vida seja
Temos medo de amadurecer e não estarmos prontos quando o momento chegar,
E quando ele chega não sabemos a quem recorrer.
O medo chega e nos faz perder o juízo,
A noção, pois é tanta coisa para se fazer em tão pouco tempo
Nesse curto prazo que chamamos de vida,
Tanta coisa para pensar que nem dá pra respirar.

Só queremos aproveitar tudo até não poder mais;
Viajar esse mundo tão grande que chamamos de casa,
Fazer loucuras com os amigos ao seu lado,
Se arrepender e aprender,
Viver amores e desamores,
Jogar a bolinha para o meu cachorro pegar,
Tentar sem medo de errar,
Dançar na chuva e ter aquele último primeiro dia de aula,
Mas principalmente sorrir.



Aluna: Maraísa

Momentos em família

O que seria de nós sem a família? Sinceramente, para mim essa é uma pergunta sem resposta. Cada família tem seus erros e acertos. Cada família tem suas histórias, e eu irei contar uma delas.

Em um belo dia, estávamos todos no Espírito Santo e minha tia teve a brilhante ideia de ir para a praia do espelho. Ficamos um pouco lá e a praia realmente se parecia com um espelho, mas, o lugar ainda não estava bom, por isso decidimos ir no mesmo dia para Porto Seguro.

Nós nos divertimos muito em família nesse dia: comemos na praia e rimos juntos. Viajamos todos juntos e nos divertimos principalmente na virada do ano, pois meu tio corria atrás da nós jogando *champagne*, fazendo com que minha tia até comprasse duas garrafas a mais por causa disso.

Assistimos os fogos juntos e, na virada do ano, iniciou-se uma brincadeira com água, mangueira e o balde para molhar a todos! Dançamos molhados e nos divertimos muito, principalmente na praia.

A minha, como em todas as outras famílias, acontecem brigas, mas o que realmente importa são os bons momentos e as risadas!



A vida antes da pandemia

A vida antes da pandemia era muito diferente, pois podíamos sair, viajar e encontrar muita gente. Podíamos ir para a escola, que era algo tão normal e já fazia parte da nossa rotina. Mas agora tudo mudou e quase não podemos sair de casa!

No início, eram somente quinze dias de afastamento da escola, porém, já se passaram um ano. Eu sinto muita saudade desse ambiente, dos meus colegas e dos professores.



Todos os dias, milhares de pessoas morrem por causa desse vírus e o mundo todo vive uma verdadeira catástrofe. Mas só tenho recordações boas das épocas antigas, mesmo antes não dando muito valor, pois não sabia que minha rotina era tão importante para mim.

Antes da pandemia, tínhamos a liberdade para poder abraçar as pessoas, sair de casa, encontrar os amigos e a família, ir para festas e desempenhar as atividades do dia a dia. Isso demonstra o quanto a vida era boa e nem imaginávamos que nosso país iria passar por essa lastimável doença.

Eu acho que depois de tudo isso o mundo não será mais o mesmo, não iremos mais reclamar de ir para escola ou até mesmo de sair de casa. Aproveitaremos nossa vida muito mais do que antes. Uma lição que eu aprendi é dar valor às pequenas coisas e viver da melhor forma possível a cada dia!

Eu sinto



Eu sinto falta do tempo em que a minha maior preocupação era não perder o episódio do meu desenho favorito e acordar a tempo de vê-lo.

Eu sinto falta de quando eu brincava de pique esconde com meus amigos e primos, sinto falta das brigas para decidir quem iria contar e se bateu o nome ou não.

Sinto falta de pedir um brinquedo em alguma loja para os meus pais e eles falarem “na volta a gente compra”, mas também sinto falta da sensação maravilhosa após ganhar um brinquedo que eu tanto queria e que agora era meu.



Sinto falta das memórias e das pessoas, sinto falta do meu eu criança, sinto falta de quando a vida era mais colorida e não havia problemas. Sinto falta de viver, viver direito, aproveitando ao máximo e se entregando a todas as situações, de fazer o que gostamos, independente da opinião alheia, de ser do bem sem olhar a quem e de ser plenamente feliz.

O tempo passa e ele é ligeiro. Com o tempo, ciclos se fecham e ciclos se iniciam, pessoas vêm e vão, mas as memórias não. As memórias são marcantes e entusiásticas; por meio delas, vários sentimentos e questionamentos vem à tona. As memórias são como uma lâmpada acesa em uma caixa escura, elas iluminam mentes e aquecem corações. Elas nos incentivam a criar mais e a ser mais memoráveis. Memórias não nos decepcionam e nem nos abandonam, memórias são únicas e inesquecíveis.

Saudades de criar memórias, saudades de algo que ainda nem me aconteceu.



Aluna: Mariana Rabelo

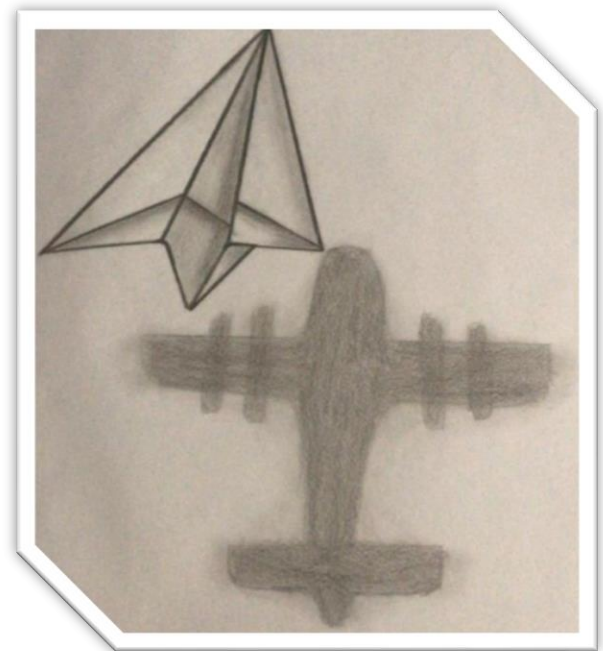
Uma infância, duas lembranças

Quando eu era criança,
minha vida era só esperança,
hoje não passa de uma lembrança
de alguém que só usava trança.

Vivi minha infância regrada,
por causa de uma doença danada,
que deixou minha vida atordoada,
mas até que enfim estou curada.

Com minha avó eu passava a tarde,
vivíamos fazendo bagunça e alarde,
hoje tudo isso é só memória,
pouco a pouco construo a minha história.

Passava os finais de semana na roça,
por lá eu só andava de carroça,
as tardes mais lindas me faziam lembrar
dos anos à frente que iriam chegar.



Aluno: Matheus

Um Mundo ``Normal``

Tenho saudade
do mundo normal,
onde todos se viam e se encontravam.
Sem isolamento social.

Lembro-me como se fosse ontem:
Shows, escolas, futebol!
Tudo era permitido,
sem risco do covid-19 ser transmitido.

Percebi que tudo era mais fácil,
todos trabalhando e com aula presencial...
Bons tempos,
Em que a máscara era usada só no carnaval



Aluno: Pedro Augusto

Um sonho realizado

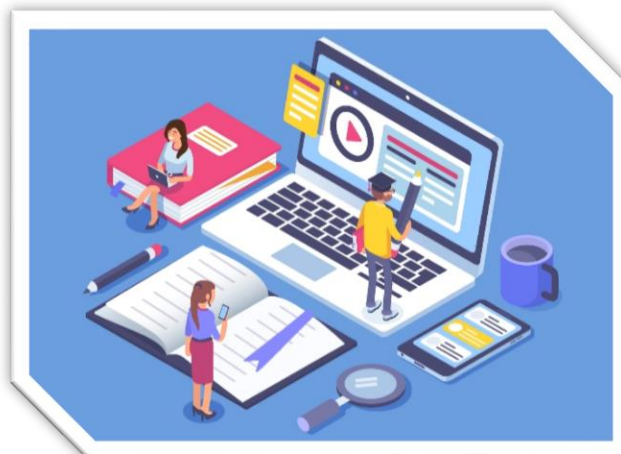
De uma forma que eu nem imaginava, a pandemia me ajudou a realizar um sonho. Como as coisas mudam... Quando eu era criança, não me importava com o mundo tecnológico, gostava mesmo é de jogar bola, brincar com os meus carrinhos e soltar pipa. Mas ficar em casa por causa da Covid-19 fez nascer em mim um novo sonho: o de ter um bom computador.

Logo no início, era difícil assistir às aulas, pois o *notebook* que eu tinha era bem ruim. Mesmo assim, sofri por algum tempo com a sua lentidão e com outros problemas que surgiram. Pela primeira vez, eu e minha família percebemos a importância de um bom equipamento em casa, principalmente porque estávamos tão necessitados e dependentes dele.

Um dia fui pego de surpresa quando meu pai chegou em casa com um computador novinho, moderno e cheio de recursos incríveis. Minha vida mudou e até as aulas ficaram melhores.

Sabe, nunca pensei que passaríamos a valorizar tantas coisas que antes nem percebíamos a verdadeira importância. Eu me recordo tanto da época em que eu só usava o computador para pesquisas escolares e nada mais. Hoje, isso mudou, o ensino mudou, a escola mudou, minha família mudou e eu mudei....

Um dia, haverá tantas recordações de 2020... Olharemos para esse ano como uma realidade triste, mas vencida. E lá, neste futuro, nossas máquinas já estarão ultrapassadas, mas nós sobreviveremos para ver todos os avanços tecnológicos. A pandemia, enfim, será uma mera ilusão.



Lembranças da casa dos avós

Não tem coisa melhor do que passar o dia na casa dos avós: “a casa da vovó é uma casa encantada...”

A infância com os avós é a nossa melhor lembrança. Quando penso no menino que fui, ouço as gargalhadas do vovô e as músicas da vovó, e com isso me sinto bem. Todas essas memórias de amor e carinho são de um tempo que nunca mais voltará; mas, também, é um tempo que nunca foi embora



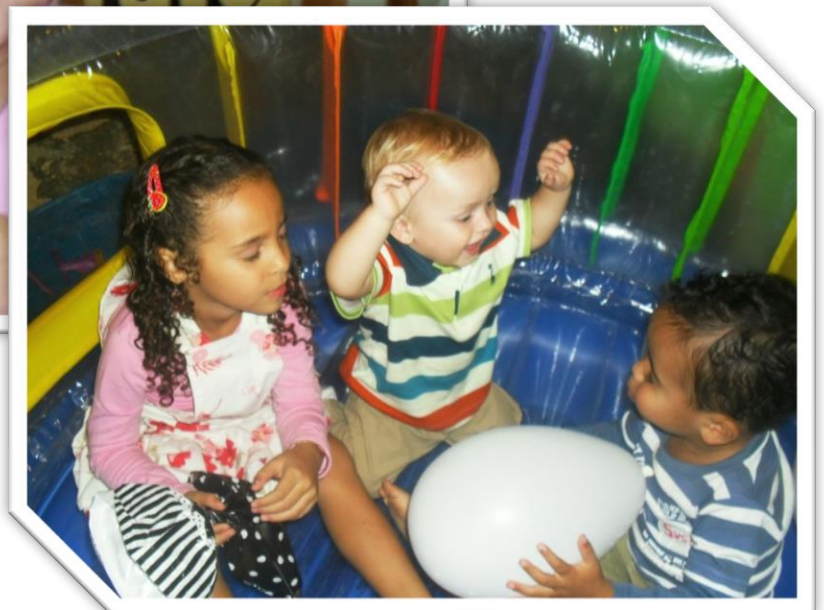
Sim, é sempre feliz um dia na casa dos avós. Eles costumam fazer nossas comidas preferidas, nos dão colo e aconchego, contam histórias reais e imaginárias. Talvez, uma das coisas mais importantes que os avós fazem é permitir às crianças que elas sejam crianças.

Mas apesar de tanta mudança acontecendo tão rapidamente, na casa dos avós sempre vai ter um cheiro especial e doce. Porque realmente é onde se pode encontrar a possibilidade de transgressão de algumas pequenas regras do dia a dia, que embora bem inofensivas para as crianças, dá a elas a sensação de que estão livres e podem fazer o que quiserem! Dentro de critérios de bom senso e desde que devidamente negociadas com os pais, estas pequenas transgressões são importantes para criar entre avós e os netos um sentimento de cumplicidade e companheirismo.

Aluna: Sofia de Souza

Memória, o recordar

Boas ou ruins, sempre guardamos memórias, e isso é uma parte de nós que lembra todas as nossas histórias. Dói pensar que as coisas boas passaram... O despertar da alma, em um simples momento, sobre o efeito de um caloroso abraço. São tantas saudades, memórias, choros, alegrias, infância... Eternos momentos, de um passado tão próximo. Tudo isso faz parte de mim e por mais que não vivenciarei de novo, está em meu coração uma memória, uma recordação, que espero nunca ser apagada. Espero que, num futuro não tão distante ou bem longínquo (quem sabe...) eu possa retornar até o presente que vivo, até este tempo em que já estou construindo mais memórias para serem contadas um dia.



Aluna: Sofia Leão

A compreensível incompreensibilidade do tempo

Como é difícil compreender a finitude, a imensidão, a eternidade.

Lutamos a todo momento por um pouco de liberdade,

mas esquecemo-nos de que, se a tivéssemos por completo,

não faríamos o que é certo, não nos comprometeríamos com a Verdade.

As melhores e piores lembranças surgem como flashes e, repentinamente, escoam por nossas próprias mãos.

O magnífico e amedrontador infinito, quem de nós pode explicar?

E caso nos fosse explicado, de onde viria força e esperança para recomeçar?

Tudo o que vivemos nos construiu, moldou e permitiu nossa estagnação ou crescimento.

Todos querem aproveitar melhor os pequenos momentos, mas nisso tudo há uma incongruência gigante que ninguém de nós pode explicar.

Realmente esperamos perder para agradecer o que a vida nos dá.

O tempo é insensível, não há como negar,

talvez o melhor a se fazer, seja aceitar e entender,

que é no intangível da vida que a beleza se dá.



Memórias

O nascer, o fato de envelhecer;
o abraço, o afastar;
o não saber de um dia não mais viver
o que já foi fácil de se ter.

Da vida que passou
só a memória restou;
para as coisas boas do passado,
só nos resta dizer obrigado.

O cheiro da comida
é a lembrança de uma vida;
a cada música tocada,
uma pessoa é lembrada.

A saudade de um momento
prevalece no pensamento;
com um certo arrependimento,
de não ter aproveitado todo o tempo.



Aluna: Sophia Maria

E assim a vida segue...

Quando criança,
Brincava na rua
Balançava no pneu
E vivia no pula-pula.
Ainda criança,
Fui para a escola
Aprendi o abc
E comecei a chutar bola.

Quando cresci,
E aprendi a jogar
Desaprendi a física do mundo
E comecei a amar.

Ainda bem jovem,
Encontrei uma chave
Que trancava minha porta
Com muita facilidade.

Depois de entrar,
Numa universidade
Com todos os trabalhos
Fui empurrado para a realidade.

Quando amadureci,
Descobri o porquê do abc:

Na maioria das vezes
Precisa-se dele para sobreviver.

Cozinhando e limpando
Já não tinha mais diversão
Com minhas duas mãos atadas
Nunca entendi minha missão.

Agora já velhinho,
Sigo pensando no que fazer
Só sei viver sozinho
Mas assim não posso mais viver.

E assim a vida vai seguindo...
Fiquei sozinho até dar a hora
Apesar de ter muitas lembranças
Seguia pensando no café da senhora.

Vovó, não se preocupe,
Que já, já, estou chegando...
Seu netinho foi feliz,
Mas as pessoas vão cansando.



Eu vivenciei um Milagre



No dia 29 de outubro, minha mãe notou algumas manchinhas roxas no corpo do meu irmão, que para nós, não significava nada, era somente porque o Leandro havia jogado vôlei. Mas que bom que minha mãe é atenta! Levamos o Leandro para fazer um exame de sangue, e algumas horas após, ligaram do laboratório: ele estava apenas com 17.000 plaquetas!

Às 20h saímos de Patrocínio e fomos para Uberlândia. Quando chegamos,

os meus pais me deixaram no meu tio Éder e eles foram para o médico, e meu pai relatou que foi um sufoco para entrar. Eles ficaram esperando o médico chamar até 1:30h da madrugada, quando finalmente foram atendidos, o profissional só falou para o Leandro tomar um comprimido e procurar o médico no dia seguinte. E assim voltaram para a casa do tio Eder.

No dia seguinte, foram até o médico que já havia tratado o meu irmão de PTI, meses atrás. Fomos orientados que provavelmente a PTI tinha voltado. O médico orientou que deveríamos voltar para casa e que o Leandro continuasse tomando a medicação, e nós retornaríamos para o hospital somente em caso de hemorragia. Mas ficamos e no outro dia o meu irmão fez um novo exame de sangue, e suas plaquetas tinham caído de 17.000 para 10.000!

Enquanto eles foram para o hospital Santa Catarina, eu e meu Primo Derick tentávamos virar a noite jogando escondido no celular dele... Voltando ao assunto, o meu irmão foi atendido pela Dra. Iluska que não era especialista no caso, mas era um amor de pessoa. Ela se comunicou com o médico do Leandro, que disse não ser necessário a internação, porém, Dra. Iluska acreditava que sim. Com isso, eles permaneceram e o meu irmão fez um novo tratamento para PTI.

Porém, no domingo, dia 01 de novembro, ele repetiu o hemograma. Foi nesse momento que se iniciava um desespero maior ainda em nossas vidas... 4.000 de plaquetas! Durante a noite, repetiu-se o exame e veio o resultado assustador: as plaquetas do meu irmão caíam a cada minuto,

chegando a 3.300 plaquetas. Minha mãe já não conseguia mais esconder o choro... Eu entrei em desespero, chorei muito, estava achando que iria perder o meu irmão, e a pior coisa era não poder estar do lado dele, apoiando-o. Minha mãe foi orientada a ir pessoalmente a Medicina para tentar uma transferência, porém, sem sucesso. O meu irmão disse que escutou a minha mãe narrando para o meu pai que até se ajoelhou nos pés do atendente da Medicina.

Minha mãe, juntamente ao hospital, fez vários contatos com outros médicos, mas, sem sucesso, pois era véspera de feriado. Tudo só piorava, o Leandro foi para a UTI, pois as plaquetas dele caíram para 2.000.

Pela manhã do dia 02 de novembro, o resultado dos exames chegou... As plaquetas dele haviam caído para 1.000! O tempo foi passando e no dia 10 de novembro a contagem das plaquetas marcavam 0,010 apenas, o que aumentava ainda mais o risco de hemorragia. No dia 18 de novembro, tivemos um diagnóstico: uma doença chamada Aplasia Medular, no qual a medula do meu irmão entrou em falência, com apenas 10% da produção de células no sangue.

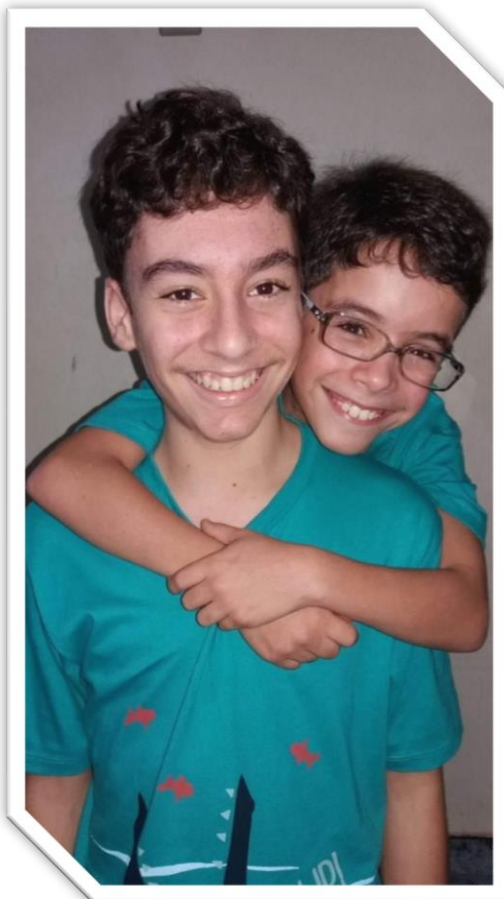
Tratamento: transplante de medula! Na manhã de 19 de novembro, meus pais e eu fomos fazer o exame para ver se um de nós seria o doador. Meus pais com 1% de chance de serem compatíveis, sendo assim teriam 50% de compatibilidade; e eu teria 25% de chance, com 25%, 50% ou 100% de compatibilidade.

No dia 26 de novembro, que era comemorado o dia de Nossa Senhora das Graças, recebemos o resultado: eu era o doador, com 100% de compatibilidade! Que felicidade, eu poderia ajudar o meu irmão, jamais esquecerei desse dia! Em 28 de novembro, as plaquetas do Leandro deram 9.000, mas sem muito valor significativo. Chegando o dia 29 de dezembro, quando ocorreria o transplante, entregamos ao médico os resultados mais recentes para a análise, mas ele disse:

- Uai! Se esse exame estiver correto, esse menino não precisa fazer o transplante!

Fomos a loucura, que felicidade gigantesca!

No dia 13 de janeiro retornamos a Belo Horizonte para fazer os exames, e em 20 de janeiro o resultado: 70% da produção de células, o Leandro estava curado! Fomos ao delírio, a medula dele voltou a funcionar e os médicos disseram que não existia explicação para o que aconteceu, e de uma coisa eu sei, eu vivenciei um milagre! Agora é só agradecer!



9º Anos 2021



.... somos um apanhado de memórias!

